



DEZEMBRO

2022



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



DEZEMBRO

2022

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

ÍNDICE

AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Faustino Vital	Dezassete cabelos e um pente	2
Faustino Vital	Chuva	3
Francisco Lourenço	O que é o Natal	4
Jerónimo Pamplona	Para isso fomos feitos	5
Jerónimo Pamplona	Quem será que me olha dos dois lados	6
Joana Canoa	E Dezembro chegou	7
Jorge Proença	Veredas	8
Luísa Machado Rodrigues	Reflexões	9
Maria da Conceição Areias	O casamento	10
Maria de Lourdes Santos	Natal Mágico	11
Maria de Lourdes Santos	Natal ternurento	12
Maria de Lourdes Santos	Natal na 1.ª Pessoa	13
Maria Regina Ferreira	Tempo de Natal	14
Maria Regina Ferreira	Antónia	15
Maria Silveira	Mares	16
Mitú Branco	A Nossa Vida a Cores	17
Mitú Branco	A Vida é um Relâmpago	18
Pilar Encarnação	Lili	19
Pilar Encarnação	Os meus avós	20
Vítor Carvalho	A solidão do medo	21



nome

Faustino Vital

género

 POESIA PROSA

título

Dezassete cabelos e um pente

Dezassete cabelos e um pente

O meu dia de sorte aconteceu nos idos anos da década de 70 quando fui resgatado e comprado por um jovem com farta cabeleira. Saí de uma gaveta escura de uma drogaria da Rua da Prata, onde estava em companhia de outros como eu. Sou um pente de osso matizado, talvez de chifre, orgulhoso dos meus 32 dentes largos e 38 finos que sobressaía dos outros, modernos, que já então eram de plástico e somente vaidosos por serem mais recentes. No entanto fui eu o escolhido. Tive uma vida gloriosa, penteiei com gosto cabelos espessos, lindos e fortes, luzidios de brilhantina, mais tarde com gel, fazendo risco ao meio, risco ao lado, alisado para a frente e repuxado para trás, de mil e uma maneira, fazendo ondas pequenas ou grandes consoante a moda. Vivía confortavelmente espetado numa escova de pelo duro de elefante, virada para cima que só servia para o meu poiso, pois era eu e só eu que penteava o meu dono. Foram passando os anos e, tal como ele, fui entortando um bocadinho, e tinha cada vez menos trabalho, pois o cabelo dele foi ficando cada vez mais ralo. Começou a trazer loções anti-queda de todo o tipo, lembro-me bem de alguns deles; Kerastase, Revlon, Kaminomoto, Dercos em creme e em ampolas. De vez em quando reparava que trazia um frasco de restaurador Olex pois os brancos também já apareciam e, eu ficava mais confiante e dizia para mim: É desta que o cabelo dele vai ficar mais forte e cada vez precisará mais dos meus serviços. Mas, era desilusão atrás de desilusão. Não havia produto, e foram muitos, muito dinheiro gasto, que não conseguiam resolver o que à distância se adivinhava. Eu creio que no fundo ele sabia que assim seria, mas não conformado, insistia e os frascos de loções cheirosas iam-se acumulando nas prateleiras. Passadas mais umas décadas chegou o tempo em que ele se olhou ao espelho e eu vi o desalento nos seus olhos, desistiu, desmoronou de vez a sua persistência e a queda foi mais acentuada. Quanto aos frascos, uns foram para o lixo e os restantes ficaram arrumados numa prateleira alta ganhando pó. Eu temi pela continuação da minha vida e da minha prestação de serviços. E fui, cada vez com mais cuidado, separando o que restava, fazendo o risco, tantos cabelos para a esquerda tantos para a direita. Por fim já tinha pouco trabalho para os contar, só ficando na dúvida quando se me deparava com um número ímpar. Será que ele quer os 9 para a orelha esquerda e os 8 que restam ao contrário? Ou vice-versa? Mas ele já não ligava e eu cada vez também mais entortado e algo desdentado. Até que um dia aconteceu o que eu chamo de uma facada no coração. Olhei e vi com horror ele depositar no lavatório uma Gillette, nova e brilhante. Aí tive a certeza da minha inutilidade futura. Ele rapou tudo, nem um pelo ficou e a sua careca apareceu lisa e brilhante como uma bola nova de menino. Pegou em mim, olhou-me muito tempo, tanto tempo que eu pensei que de seguida o meu futuro iria ser o fundo escuro de uma gaveta da cómoda. Mas não ! Ele descobriu um pequeno e bonito saquinho de veludo vermelho que atou ao armário de espelho, colocou-me lá dentro até meio e todos os dias nos víamos muitas vezes.

Ele não me esqueceu, lembrou-se dos meus préstimos, não me abandonou e não me rejeitou como coisa velha e inútil.

Com todos os meus dentes que ainda tinha fiquei agradecido pelo gesto, por toda a minha restante vida.



nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

Chuva

Chuva

Cai chuva
Muita
Em catadupa
Tantas vezes
Ansiada,
E agora
Por muitos
Talvez odiada.
Abrem-se os céus
Caem golfadas
Descontroladas
Formam-se rios
São mares
Que antes não eram,
São gentes molhadas
Que antes as quiseram.
Como se controlam ?
Se a vontade das gentes
Se tornam líquidas
Quebram vontades
Inibem as mentes,
Prejuízos são muitos
Mas tudo voltará
Ao que era antes.
É um ciclo,
Repetitivo
Só resta a esperança
Para tudo o que existe
O que acaba
Tudo sempre recomeça.



nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

O que é o Natal para ti?

O que é o Natal para ti

O Meu Amor me perguntou

O que é o Natal para ti?

Eu pensei, pensei, pensei

E então lhe respondi:

Natal é a Terra onde Nasci

Natal é o Dia em que te Vi

Natal é haver Paz no Mundo

Natal é quando uma Criança Sorri!

Natal é ter Casa para Habitar

Natal é ter comida Sobre a Mesa

Natal é ter Escola para Estudar

Natal é Sonhar, é Construir Certeza!

Natal é da Saúde poder tratar

Natal é Saber Ser e Caminhar

Natal é as Contas Poder Pagar

Natal é ao Teu lado Bem Estar!

Natal é Saber Ter e Dividir

Natal é Saber Amar Sem Restringir

Natal é Não Perder a Utopia

Da Paz, do Amor e da Sabedoria!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Para isso fomos feitos

PARA ISSO FOMOS FEITOS:

PARA LEMBRAR E SERMOS LEMBRADOS

Epigrafe: «Sim. Seremos esquecidos.

É assim a vida, nada a fazer».

Anton Tchekhov (1860 Rússia – 1904 Alemanha)

Médico e Escritor

Do que eu gosto é de lembrar:

Os Natais à lareira.

Aqueles das brincadeiras.

E da alegria das crianças

Que exultavam com aquelas andanças.

A emoção da abertura das prendas.

As filhoses e a aletria, estupendas.

O degustar as doces rabanadas

que eram, por todos, muito apreciadas.

As acolhedoras noites da consoada.

O esperar pelas últimas badaladas.

As jogadas do “par ou pernã”,

nos momentos divertidos daquele serão.

Que era lindo, lá isso era.

O Natal com a tal espera.

Da descida pela chaminé.

E, os miúdos a espreitar, “pé ante pé”



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

“QUEM SERÁ QUE ME OLHA
DOS MEUS DOIS LADOS?”

“QUEM SERÁ QUE ME OLHA DOS MEUS DOIS LADOS?”

Epigrafe: Existe um lado que revelamos ao mundo e o outro que mantemos escondido. (Emily Thorne).

A primeira vez que tive consciência de ter sido avaliado pelos meus dois lados foi no ano de 1952, com dez aninhos, quando fiz o exame de admissão ao Instituto dos Pupilos do Exército, em Lisboa. Depois de aprovado na 4ª Classe fui submetido, para além de uma prova escrita de português e matemática, a um exame médico e a uma prova física. Fiquei aprovado e como prémio fui jantar com o meu pai ao restaurante João do Grão situado na Rua dos Correeiros. Para além da aprovação no exame e do jantar, do que gostei mesmo foi observar, à noite, da janela do meu quarto, situado numa residencial localizada na Rua do Arco do Bandeira, os anúncios luminosos, no Largo do Rossio, que acendiam e apagavam as luzes, dando a ilusão de movimento dos bonecos. Ainda hoje guardo na minha memória a imagem do Porto Sandeman! Outra distração que enchia os meus fins de tarde durante os três dias que permaneci em Lisboa era passear pela Praça do Comércio e observar, a partir do cais das colunas, o movimento dos cacilheiros num vai vem entre a Estação Fluvial Sul Sueste e os destinos de Cacilhas e do Barreiro. Uma maravilha que me extasiou foi o esvoaçar das gaivotas sobre os barcos e o grasnar em voo picado na procura de um qualquer alimento.

Em junho de 1965 soube ter sido escrutinado, pelo meu outro lado, potencialmente escondido, pela minha namorada, minha mulher de sempre. Eu, ainda estava na tropa a três meses de terminar a comissão de serviço e regressar à Metrópole. Ela conseguiu, através da Diretora do Colégio São José de Cluny, Luanda, obter informações a meu respeito, junto do Capelão do Instituto dos Pupilos do Exército, onde estudei durante oito anos. Já não regressei a Portugal, e casamos um ano e meio depois, continuando a viver, até hoje, com muito amor e carinho tendo constituído uma família de quatro filhos e quatro netos.



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Joana Canoa

género

POESIA PROSA

título

E Dezembro chegou!!!

E Dezembro chegou!!!

Como é possível estarmos no final de mais um ano, quando ainda ontem foi Janeiro!

E veio fevereiro, março etc...e a pandemia sempre à espreita,

ainda a marcar tudo e todos. E como foi possível passarmos quase dois anos, marcados pelo medo e desconfiança de tudo e todos? Mas também veio a esperança em dias melhores

E vieram dias melhores, com sol, com a primavera sempre a renovar a natureza e a vontade de viver e recuperar tudo o que se perdeu.

E veio um verão quente, a saber a mar e a campo, e onde tudo parecia novidade. À nossa volta tudo ficou mais belo, mais colorido e com um brilho muito especial como se nunca tivesse existido antes.

Poder observar cada pequeno pormenor, era uma verdadeira surpresa.

Foi como se a vida recomeçasse dando-nos a oportunidade de a apreciar, de olharmos com atenção as pequenas coisas, de vermos com carinho quem nos rodeia, de sermos melhores pessoas.

Por isso mesmo, era espectável que o tempo passasse por nós, mais lentamente, com alguma tranquilidade e alegria e, acima de tudo, sem a ansiedade própria dos tempos conturbados e marcados por um vírus, vindo lá não sei de onde, transmitido de uma forma avassaladora, fazendo crer que ninguém seria capaz de superar.

Todos acreditámos que, o mundo ia ficar melhor. Mas a memória de muitos é curta, e aqui estamos de novo, assolados com as consequências duma guerra que, como todas é tão injusta e desnecessária.

Mas Dezembro aí está, chuvoso, feio, sem atrativos, a não ser poder novamente ir ao cinema, aos concertos, a festas... mas também a mesma ansiedade do consumismo louco, a correria, a saudade dos que já não estão entre nós e dos que estão longe.

Dezembro é Natal...um Natal que para muitos é simplesmente, saudade, tristeza e até revolta.

Mas Natal também é magia!!!! E chega ao mundo inteiro de acordo com as tradições de cada região e vivido intensamente por todos.

É tempo para amar e perdoar, dar e receber carinho, refletir e mudar.



nome

Jorge Proença

género

POESIA PROSA

título

Veredas...

Veredas...

Contar passos ao arrepio da viagem
Olhar com detalhe cada curva do caminho
Descobrir novas flores, saborear os odores
Pensar, automatizar o gesto, fruir o percurso

Fico com a certeza das dúvidas que trago
Encarando angústias e libertando sensações
Cada pegada semi-impressa, cada curva
Aporta um novo mundo a redescobrir.

Olho em redor e não encontro farol
O caminho é doce e o destino é seguro
Só falta percorrer mais uma colina

Que se destaca poderosa, à minha frente
E espanta as dúvidas, os temores
Que levo sempre comigo, ao arrepio da vida.



nome

Luísa Machado rodrigues

género

 POESIA PROSA

título

Reflexões

Reflexões

Chegaram os dias invernosos e, com eles, as refeições mais calóricas e quentes, as menos habituais noutras estações do ano, as tais que, diz o povo, *sabem bem para o mal que fazem*.

É o caso, de vez em quando, da versão ainda que simplificada do cozido à portuguesa ou de uma feijoada, de que até os netos, ainda crianças, gostam. Facto que seria banal se não fossem da geração do hamburger, de pizzas e bolonhesas como pratos preferidos!!! Vá lá, até são miúdos também apreciadores de peixe...

Desta vez, a refeição era de peixe efetivamente, mas postas abertas, pelo que optei por uma outra ementa também calórica: peixe frito com arroz não de tomate como tradicional, mas com outro legume a gosto dos meninos. Curioso, foi o comentário de um dos netos que, perante a raridade de tal repasto, exclamou: - Até que enfim, avó, que fazes peixe 'bolacha'! Ou seja, para ele, peixe frito estaladiço...

Estava ainda na execução do repasto e a enfarinhar o peixe, quando o pensamento recuou seis décadas ou mais. Um retorno mental a uma atmosfera insular (Ilha do Pico), zona piscatória, população então predominantemente do setor primário, onde o peixe era um dos alimentos dominantes. Época anterior ao frigorífico nas habitações e, daí, a necessidade de soluções para a conservação doméstica do pescado, geralmente em excesso para prevenir a escassez em condições de tempo adversas até nas estações mais benfazejas. Uma solução, era precisamente o peixe frito, enquanto garante de durabilidade nos primeiros dias (para períodos longos fazia-se a secagem com sal e ao sol, especialmente, da 'veja' e da 'bicuda').

Acabara de enfarinhar o peixe e, antes de o começar a fritar, ao colocar no lixo a farinha restante, não é que a meus olhos, com um realismo incrível, se replicou a cena equivalente remontada aos tempos infantis e juvenis? Como que vi a mulher 'picarota' de então, frente ao enorme forno de cozer pão e fazer assados, não a deitar fora a farinha que sobrara, antes a aconchegá-la no prato respetivo, a afastar a tampa do forno frio e a nele guardar o quase precioso bem. E era, até certo ponto, pois se de peixe e outros havia fartura, de mercearia, havia falta. Quase tudo ia do *Continente* (O Pico produzira trigo, porém, antes das erupções do séc. XVIII que cobriram de lava grande parte da ilha, desde a montanha até à costa; agora, produzia milho quase só para uso de casa e forragem do gado bovino).

Lições do dia a dia nesse espaço de silêncio que é o da cozinha tantas vezes lugar de reflexões! Não pode a equação fartura/desperdício continuar a ser adiada. A crise ambiental, a crise alimentar, estão aí!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

María da Conceição Areias

género

POESIA PROSA

título

O casamento

O CASAMENTO

Há uns vinte anos que não ia a um casamento. Não; talvez uns dez ou mesmo oito...

la casar a minha sobrinha mais nova e o acontecimento causou-me uma verdadeira excitação!

O evento teria lugar em 1 de Novembro de 22 mas, a minha ansiedade antecipatória arrastou-me logo em Fevereiro, para o Corte Inglês. Pensava eu com os meus botões, que seria razoável fazer já uma prospeção das tendências para a meia estação, visto que o casamento também teria lugar na outra meia estação.

Fui uma primeira vez para me familiarizar com as modas, as que gostaria e as que não, as cores, os tecidos, os preços... tinha preferência por uma roupa sóbria, clássica, para ter alguma utilidade também, depois do casamento, alterando os complementos que a tornariam mais ou menos chique.

Numa das lojas dum marca conhecida, esbarrei com um vestido dum malha fina, cor de mel, que me agradou. Outras coisas pelo caminho, nem tanto; se gostava de uma saia, não tinha casaco, se gostava de um casaco, tinha de andar à procura de uma saia. Vestido era inteiro, era a solução. Entretanto já não podia com os pés, nem com a paciência, e deixei a efetivação da compra para um dia seguinte.

Chegado o dia com a paciência e os pés renovados, pus-me novamente a caminho de El Corte Inglês. Na loja pedi para experimentar o vestido cor de mel, e deram-me dois números, o L e o M. Vesti um e outro e optei por aquele que tinha a saia mais abaixo do joelho, como gosto. Pedi para embrulhar, paguei e assunto arrumado, que descanso!

Em casa, dobrei-o e guardei numa gaveta, como me aconselharam, por ser de malha. Virei-me para o capítulo seguinte, uma echarpe que desse alguma cor e quebrasse um pouco a cor única do vestido. Entre preços exagerados e empréstimos propostos pelas amigas, uma delas, generosamente, ofereceu-me uma sua muito bonita, que não usava por não ter frio para tanto, ao contrário de mim. Era de uma lã muito fina. De crochet, muito leve em verdes castanhos e cremes. Depois sapatos mais isto e aquilo...

Chegado o Verão, em Agosto, resolvi começar a ensaiar a toilette para a cerimónia. Fui buscar o vestido, vesti-o e, olhando com mais pormenor que não só o seu comprimento... reparei que os ombros do vestido estavam quase nos cotovelos, e a largura era para duas de mim!!!

Céus, e agora??? Como saio disto, quem me arranjará o vestido. Uma querida amiga que passou a ser a minha conselheira de moda, disse-me logo que não era qualquer modista que arranjava aquilo, pois exigia uma máquina especial; que talvez só na fábrica. E por que não iria eu à loja perguntar se mo arranjavam?

Já estava disposta quase a comprar outro vestido, malgrado a duplicação da despesa; mas quem não arrisca não petisca, diz o ditado.

Forçando o ar mais natural deste mundo, fui à loja, seis meses depois da compra, com uma enorme vergonha engolida, e contei tintim por tintim a verdadinha toda, como se fosse coisa banal; o vestido estava impecável, ainda espalmado e com os papelinhos da marca pendurados. Surpresa!!! Também como ar mais natural deste mundo, disseram logo que mo trocavam! Sem hesitações, sem reticências, simpática e atenciosamente.

Pediram-me para o trazer de volta e, contactar-me-iam; nessa altura levaria de novo o vestido e o número de referência da fatura, para se localizar e dar baixa.

Assim fiz. Quando voltei, provei o novo vestido com todos os cuidados e mais algum. Caía bem, mangas no lugar, saia também de comprimento adequado, largura qb. Porém, sendo os vestidos que eu provara antes o L e o M, que medida estava eu a provar então? Li; era um XS !!! Pela primeira vez na minha vida um XS. Eu, XS, eu com 1 metro e 70, XS....

Mas foi o que eu quis ver: troquem-me o vestido, fosse ele o que fosse!



nome

Mária de Lourdes Santos

gênero

 POESIA PROSA

título

Natal Mágico

Natal Mágico

Era uma vez, um Natal aparentemente simples, no entanto riquíssimo em essência.

Duas maninhas, sentadas à chaminé cantavam ao Menino Jesus e sonhavam com os pequenos presentes que iriam receber nos seus sapatinhos, no dia 25, logo pela manhã, bem cedinho. Eram crianças pacientes, aguardavam o tempo próprio dos acontecimentos, em expectativa contida!

Saboreavam então a magia que aquela noite tão especial lhes oferecia. Os avós e tia já tinham saído após a ceia. A lareira já um pouco enfraquecida, os pais ausentes, a preparar as caminhas para o deitar que se aproximava, e eis que o som fugaz de um acordeão as surpreendeu! Que espanto! Quem tocou? Intrigadíssimas e assustadas chamaram pela mãe que prontamente veio e explicou.

“Certamente seria o Menino Jesus que já andava a rondar a chaminé, mas que não desceu, porque as viu ainda ali sentadas a aquecerem-se e a cantarem-Lhe!”.

Esta “Aquarela” colorida pelo vermelho do fogo em baixo e o esplendor do Menino em cima, perdura na minha memória enquanto poderoso momento mágico de proximidade, celebrado naquela noite tão doce. Tudo acontecia no mais puro encantamento! O Presépio era a exposição física dos sentimentos que a noite inspirava. O Menino nas palhinhas ladeado pelos Pais, as vaquinhas e outros animais em contributo de aquecimento, a estrela de papel de prata amarela, outrora invólucro de um bom- bom e guardada para se tornar estrela no Natal, orientava agora os Reis Magos na busca do caminho da adoração. Tudo acontecia num cenário de pura e tranquila natureza representada pelo musgo salpicado de farinha a simular a neve. Hoje entendo o Presépio enquanto espaço simbólico. Ali são representados os valores da Família, a relação harmoniosa com a Natureza, a Luz orientadora da estrela, o Poder na busca do seu caminho luminoso.

A profundidade deste Natal Mágico, que hoje recordo com carinho, foi esclarecida mais tarde pela mãe das meninas que não quis roubar-lhes a capacidade do sonho, perante o imprevisto do toque do acordeão que estava guardado numa gaveta para presente de Natal de um priminho.

Ainda não era o tempo!

Os presentes eram poucos e pequenos, no entanto enormes em fantasia com grandes laçarotes de verdadeira ternura.

Era tudo tão belo e mágico!



nome

Mária de Lourdes Santos

gênero

 POESIA PROSA

título

Natal ternurento

Natal Ternurento

Era uma vez, em meados dos anos 50, um Dia de Natal frio, em que sair do quentinho da cama de manhã cedo era um ato de coragem para duas maninhas ainda pequenas.

Contudo, o entusiasmo e curiosidade eram superiores e assim venciam estoicamente a inércia inicial.

Era mais um Dia de Natal que iria ultrapassar todas as expectativas!!

A surpresa principal foi retumbante, grandiosa, embora um pouco confusa.

Um embrulho para cada uma das maninhas, feito de forma e de papel pouco comum que dignificasse um presente de Natal; papel grosseiro a envolver um presente desconcertante!

Lápis de Cor de aspeto envelhecido, de tamanhos irregulares, não afiados...com aspeto usado e gasto!

Tudo a causar estranheza! Depois de bem olhados perguntaram: “porquê lápis velhos?”

A mãe rapidamente repôs o sonho e com ternura semeou magia nos seus corações inocentes explicando: “São velhos porque já foram usados pelo Menino Jesus “.

Nesse momento a magia retomou sim o seu lugar, tudo se alterou, o novo olhar modificou a percepção e o que antes parecia velho e triste, tornava-se luminoso e especial.

Era o encantamento de ter o privilégio de receber os lápis outrora tocados pelo Menino Jesus na pintura dos Seus desenhos.

Mais um Natal de ternura acontecia!

Mais tarde a mãe explicou-lhes que não destruiu o sonho porque ainda era o tempo próprio de o deixar ficar. Os lápis tinham sido usados pela tia em criança . Decidiu levá-los para as sobrinhas. A mãe, e porque era quase Natal, guardou-os para juntar aos outros presentinhos que iriam receber. Tudo muito simples e muito rico em sensações que perduram.

O papel grosseiro e pouco comum num presente de Natal, rapidamente foi substituído nos seus imaginários, por papel de ternura com grandes laçarotes de fantasia e verdadeiro amor.

Era tudo tão belo e ternurento!



nome

Mária de Lourdes Santos

gênero

 POESIA PROSA

título

Natal na 1.ª pessoa

Natal na 1.ª pessoa

Frequentava a 2ª classe, o meu imaginário tinha alicerces de sonho, o Natal não era exceção.

O Menino Jesus mimava as crianças com presentinhos que tornavam aquela Quadra Festiva muito feliz.

Estávamos quase nas férias de Natal, era a última aula de catequese do 1º período.

A catequista, num ímpeto de transparência pré-Natalícia, decidiu abordar a verdade nua e crua sobre a origem dos presentes de Natal, informando que eram comprados pelos pais e não oferecidos pelo Menino Jesus.

Foi um duro golpe em nome da verdade!

Nada que não se falasse já na escola entre colegas, pois nem em todas as famílias se cultivava o mito de forma uniforme. Pessoalmente e porque tinha essas vivências muito fortes, afastava-me de tais abordagens que considerava infundadas e assim queria continuar a alimentar o meu sonho.

Mas esse foi o Natal da destruição do sonho onde tudo parecia perder vida. Tornou-se também num Natal de esforço, tentando manter a alegria doutroa, mas que já não existia; o tempo da magia já não era possível! Porém, os Natais foram-se sucedendo e a minha adaptação a eles também.

Vim a perceber mais tarde que há o tempo próprio para saltarmos para novos “Natais”. Aí perdoei a Catequista. Por vezes saltamos voluntariamente, outras vezes somos empurrados da nossa zona de conforto e lançados sem proteção, sem para-quadras e dói muito.

Tudo faz parte do crescimento e o tempo virá a seu tempo esclarecer, fundamentar e apaziguar.

Entender os ciclos é fundamental! Estar aberto à mudança torna-se cada vez mais necessário e urgente. A vida é dinâmica, entender e sentir os meus “NATAIS”, será o melhor presente que me ofereço a mim própria. O seu significado vai alterando, articulado com o caminho percorrido e essa interação tem a capacidade de enriquecer ou não, esse significado e o seu propósito no que ainda falta percorrer ou já foi percorrido, mas nem sempre já entendido.

Estar grata pela compreensão dos processos que esses “Natais” apresentam e acima de tudo ter a capacidade de os viver conscientemente em aceitação a bem do meu crescimento pessoal, é o que me desejo e me proponho. Que a mensagem deste Natal seja harmoniosa, melodiosa e musicada pelo acordeão que cada um ouviu ou tocou ou dos desenhos que pintou com os lápis que a vida lhes proporcionou. Importante que o Natal seja a expressão profunda da Estrela Cintilante orientadora do caminho da Luz. Que o mundo seja um espaço de Amor, Cooperação, Paz, Esperança para todos.

Feliz Natal de nascimento e renovação para a Humanidade.

Dedico estas memórias de Natal aos meus Queridos Pais, Mana, Avós e Tia. Na dimensão de Puro Amor onde é Natal todos os dias, continuam muito amados e presentes no meu coração.



nome

Mária Regina Ferreira

género

 POESIA PROSA

título

Tempo de Natal

Tempo de Natal...

Já é quase inverno as ruas luzem com as águas da chuva
o céu está coberto o vento agreste varre as folhas caídas
há luzes à espreita nas janelas são estrelas são sonhos guardados
são esperança de melhores dias
É o tempo de lembrar o nascimento do Menino Jesus
que trouxe esperança ao Homem desavindo em guerras pardas e pobreza
Projetam-se sonhos influenciados pelo calor da lareira
apertam-se laços familiares amizades regadas com abraços
e olhares de ternura preparando o coração vazio para a alegria
de um reencontro fraterno e amigo
Noutros natais já preparávamos uma grande festa juntávamos a família
e na ceia cabiam todos os presentes e a lembrança daqueles
que nos tinham deixado
Era um tempo de celebração e aprendizagem para os mais novos
Neste Natal vou apanhar rosas bravas para dar cor e outro perfume
ao presépio
Quero ouvir cantar os pastores e aprender a tocar flauta como eles
olhando o horizonte perdido na alvorada de cada dia
Quero tirar da manjedoura o Menino traze-lo ao colo para o dar de presente
à gente forte que sofre por não ter agasalho nem o pão de cada dia
O brilho das estrelas já entrou em casa e pendurou-se em cada ramo
na árvore dos sonhos
Fitas e bolas de mil cores brilham lembrando outros Natais luminosos
na dádiva do amor e da paz entre os homens de boa vontade
Natais que relembro tranquilos a maior azáfama estava na cozinha *sonhos*
bolinhos de jerimu aletria arroz-doce e os brinquedos no sapatinho
Natal de correria olhos fixos nas montras para apagar o desejo a tentação
Hoje é a solidão!



nome

Mária Regina Ferreira

género

 POESIA PROSA

título

Antónia

Antónia

Antónia era uma rapariga bonita. Distinguia-se pela farta cabeleira loira, de um loiro irlandês. Tinha o rosto sardento. Com idades em escadinha, havia três raparigas inseparáveis. Antónia era a mais vistosa. Não quis estudar. Fez um curso de costura e bordados, aprendeu a tratar da casa e a cozinhar com a mãe e as tias. Cresceu a pensar que cedo encontraria um rapaz que a levasse para longe, para perto do mar, onde pudesse ver o oceano até à dobra do horizonte. Das três raparigas inseparáveis, depressa Antónia ficou sozinha. Uma casou cedo com um homem mais velho e rico. Poeta, diziam. Foi viver para uma propriedade dos pais do marido, e não foi feliz. Teve três filhas que encheram a casa de trabalhos. Eram fraldas, biberons e papas a horas a acrescentar ao que já havia antes das filhas nascerem. O marido, o poeta, passava horas infundas numa sala exclusiva da casa, só para ele e para o pai, também ele dado à escrita. O marido morreu cedo. Ela continuou em casa dos pais do marido e tornou-se a escrava da casa. A outra, acabados os estudos no colégio, foi para a universidade. E o convívio entre as três desprende-se. Antónia continuou a ter uma vida apagada até ao dia em que encontrou Domingos. Foi num verão. Domingos contou-lhe uma história que parecia tirada de um livro de Histórias de Encantar. Falou-lhe de uma raposa loira que tinha encontrado na Serra da Estrela, no tempo dos incêndios e que se tinha apaixonado por ela. A raposinha parecia que ria! Os olhos apenas se subentendiam nos riscos pestanudos. E comparou Antónia na cor do cabelo e no fechar dos olhos quando sorria. Disse a Antónia que queria conhecê-la mais de perto. E casaram, felizes porque se amavam, num dia de chuva. Passaram a viver intensamente a vida a dois. Viviam felizes. Não tiveram filhos. Não cultivaram amizades. Tinham uma grande casa, Antónia tinha um belo carro da cor do fogo como a roupagem da raposinha que os aproximou. E viveram felizes, assim, até perceberem que as personalidades de tão vincadas se antagonizavam com o tempo. E radicalizaram comportamentos. Domingos transformou-se num workaholic. Antónia sentia-se muito só, a casa tornou-se num pesadelo tão cheia, mas tão vazia! e procurou conforto na bebida. Num fim de tarde, voltavam de uma viagem à Serra da Estrela, conversavam animadamente, era preciso retomar a vida feliz que tinham tido. Amavam-se. Estava lusco-fusco e a estrada molhada. Foi preciso fazer uma travagem brusca quando uma raposinha igual à amiga raposa loira encandeada pelos faróis estacou ficando a meio da estreita estrada. Antónia que ia ao volante, inadvertidamente, travou...

Passaram anos. Domingos levantou-se à hora do costume. Foram anos e anos a levantar-se às 6 e 30 da manhã todos os cinco dias da semana porque ao sábado o relógio biológico atrasava a hora e ele apenas abria os olhos às 8 e meia. Quase sempre. Uns cinco dias por ano, o tal relógio que o fazia acordar falhava. E ele ensonado nem dava com a porta da casa de banho. Sem sentido, passava primeiro pela porta do armário que lhe ficava em frente e só acordava com o cheiro a cânfora. Sem barafustar, lá se encaminhava para a porta de saída do quarto e respirava fundo. Depois começava a rotina. O banho de cinco minutos, a barba perfeita, o aftershave suave de bom gosto. O espelho aprovava. Pronto para enfrentar o trânsito e a Baixa lisboeta onde tinha escritório. A placa da porta não enganava ninguém: Dr Domingos Viçoso – advogado. Hoje, a casa de cinco assoalhadas que tinha comprado a meias com a sua mulher era um museu sem vida. Era o primeiro dia em que não ia trabalhar. Estava aposentado. Era fim de outono, ainda estava calor e um sol doirado.



nome

Maria Silveira

género

POESIA PROSA

título

Mares

Mares

Revoltosos em dias de tempestade
Tenebrosos mares nos apelam
Olhos no fosco horizonte
Monstros nos céus sobre nós
Lágrimas vertendo suor e sangue
Nuvens de dor e sofrimento
Queimadas almas que ardem
Sortilégio de um mundo que se desfaz
Na guerra, na corrupção, na malvadez
Regresso ao passado outra vez
Ignóbeis poderes, egoístas interesses
Arautos de massiva destruição
Ilusão de que só de vós será
Deste mundo a fruição...



nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

A nossa vida a cores

A nossa vida a cores!

As nuvens são cor-de-rosa
Os campos são amarelos
O teu amor é de ouro
Nossos corações vermelhos
Se estás triste
tudo é cinzento
Se sorris
o meu alento
A vida corre apressada
nós os dois na mesma estrada
Segura a minha mão
Vamos por aí fora
Pela noite ou pela aurora



nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

A vida é um relâmpago

A Vida é um Relâmpago

Varre o lixo da soleira da porta
Abre as janelas
Deixa o vento entrar
Afasta as más recordações
que teimam em voltar
Não deixes o sol sair da tua casa
Abraça todos na rua ao passar
Distribui sorrisos difíceis de dar
Queima as loucuras
no cesto dos teus pensamentos
A vida é um relâmpago
Acende e apaga
mas não vai voltar



nome

Pilar Encarnação

gênero

POESIA PROSA

título

Lili

Lili

A Lili é uma gatinha
apenas com dois mesitos.
Salta, corre e rodopia
em volta do seu corpito.

É pequenina, a Lili,
é um palminho de gente.
Não é gente, é evidente,
é apenas um gatito!

Curiosa e tão ladina,
move tudo à sua frente;
mexe e remexe, volteia,
nada lhe é indiferente;

por fim, já tonta e cansada,
vai fazer uma soneca,
para recuperar energias,
e recomeçar novamente!



nome

Pilar Encarnação

género

 POESIA PROSA

título

Os meus avós

OS MEUS AVÓS

O meu avô Escolástico e o meu avô João, ambos nascidos na 2ª metade do século XIX, eram bem diferentes.

O primeiro, que não cheguei a conhecer, era um homem culto, muito conhecedor de História que se correspondia em Esperanto com gente de toda a parte, trocando postais ilustrados das suas respetivas cidades, dos quais possuía uma enorme coleção. Na sua aldeia, era habitualmente convidado a fazer parte do júri nos exames de fim de ciclo. Homem de convicções profundas, não se adaptou facilmente às ideologias que se afirmaram com o Golpe de Estado de 1936 e deram origem à Guerra Civil de Espanha. A sua atitude por vezes desafiadora, era motivo de grande preocupação para a família pois colocava todos em perigo, no entanto, nunca ficou referenciado e faleceu de morte natural. Aprendi a conhecê-lo e a respeitá-lo através dos relatos da minha mãe.

O avô João que só conheci aos cinco anos, era analfabeto. Bom trabalhador, o monte que habitava com a minha avó, era fruto do seu trabalho de uma vida inteira. Durante o período das férias grandes em que íamos visitá-los, era habitual sentarmo-nos à noite na soleira da porta, contando histórias de bruxas e lobisomens que por vezes me impediam de dormir. Era também nesses momentos que, a minha irmã e eu, falávamos daquilo que a escola nos ensinava – a Terra é redonda, avô! - Redonda? Não pode ser! Se fosse assim andávamos todos de cabeça para baixo, respondia ele. E não adiantava insistir.

Contudo, aprendi muito com ele. Ensinou-me a escolher os melhores figos. Todas as manhãs, muito cedo, era quase um ritual, percorríamos as figueiras em busca dos figos do dia... aqueles que estavam mesmo no ponto, maduros mas não passados. E era muito rigoroso na sua seleção. Também com ele aprendi a saborear os deliciosos favos de mel acabados de extrair da colmeia ou a partir uma amêndoa sem quebrar o miolo, ou ainda, como se fazia a secagem dos figos, como se acendia um forno de lenha, ou a necessidade de economizar água porque era um bem escasso. Com ele ganhei interesse pela vida do campo, descobri a sua dureza e aprendi a respeitar todos os que nele trabalham.



VAMOS TRAZER A PALAVRA ESCRITA AOS NOSSOS DIAS!

nome

Vítor Carvalho

género

POESIA PROSA

título

A solidão do medo

A SOLIDÃO DO MEDO

Numa aldeia da Beira Transmontana, vivia um ancião, viúvo e sem filhos, e que tinha por alcunha o “Batata”. O seu nome de registo era Adolfo da Silva, mas era conhecido e ridicularizado por encher os bolsos com batatas cozidas pela manhã e praticamente não comer outra coisa durante o dia. Era um pequeno agricultor que explorava diretamente algumas terras e recebia rendas de outras que tinha, mais afastadas de casa. Toda a sua vida andou de bicicleta ou a pé. Nunca saiu da sua aldeia, era muito desconfiado, nunca usou uma conta bancária. Mas falava-se que o Batata devia ter dinheiro escondido algures. Quem mais se preocupava com a questão do dinheiro escondido eram os sobrinhos, ávidos da partilha. Num regresso a casa, encurtou caminho pelos montes. Escorregou numa pedra, caiu, fez traumatismo craniano e durou poucos dias. Morreu sem ter revelado onde tinha o dinheiro. Onde estará o dinheiro? Todos perguntavam.

O velho Matias tinha trabalhado muitas vezes, alguns anos atrás, nas terras do Batata. Não quis viver em casa de um filho, emigrante em França, que tinha comprado um apartamento na sede do concelho. Preferiu viver próximo da aldeia numa casa muito pobre, herdada de seus pais, sozinho, depois que ficou viúvo. A meio caminho entre a aldeia e a casa velha do Matias, havia uma eira onde antigamente malhavam os cereais das propriedades do Sr. Adolfo da Silva, homem que tinha eira, mas também beira.

Na noite de Natal, o velho Matias deixou-se ficar a ver como os rapazes acendiam os toros de madeira para a festa da consoada. Bebeu mais do que a conta habitual, olhando o fogo. De repente, começou a cair uma chuva miudinha e decidiu ir para casa. No cair da noite já precisou de usar a lanterna que sempre trazia consigo. Chovia copiosamente quando ia a passar pela eira do Batata. Decidiu acoitar-se na casota velha de pedra, onde arrumavam as palhas. Com a lâmpada, procurou encontrar a chave que supunha estar entre as pedras, algures. Encontrou-a finalmente, debaixo de fortes trovoadas. Conhecia a casota, onde havia uma manjedoura na parte térrea, piso para recolha dos bois. Deitou-se na manjedoura cheia de palha, muita palha. Achou estranho que algo lhe magoava o tronco, uma coisa redonda, talvez de ferro. Não conseguia dormir. Com a lâmpada, focou a luz pelas paredes a fazer o “reconhecimento” do interior da velha casota. Algures num canto de parede, viu uma pequena figura. Levantou-se e viu que era a escultura de um santo. Pareceu-lhe ser a figura do Senhor dos Aflitos. Pensou: o velho Batata devia andar muito aflito com o dinheiro escondido. Tentou deitar-se outra vez, mas antes disso quis ver o objeto que lhe magoava as costas. Era uma argola de ferro! Tirou toda a palha, limpou tudo e viu que a argola estava enroscada numa grande tábuia, que certamente faria parte de uma porta velha de madeira. O fundo da manjedoura era duro, pelo que nada o impedia de dormir se tirasse aquela placa de madeira com argola. Mas qual não foi o seu espanto quando deparou com duas caixas retangulares de plástico, cada uma delas embrulhada num saco muito resistente, daqueles que são usados para acondicionar adubos. Com cuidado abriu as caixas. Tinham centenas de notas separadas em pacotes e amarradas com atilhos de borracha! QUE PRENDA DE NATAL! Exclamou o velho Matias, duvidando de tudo o que estava a acontecer. “Eu devo estar bêbado, estou a ver muitas notas, isto não deve ser verdadeiro”, dizia baixinho. “O que vou fazer, o que vou fazer”, continuava em surdina. “É noite de Natal, ajuda-me ó Senhor dos Aflitos, ajudem-me todos os santos nesta noite de Natal”, exclamava. Passou a noite a rezar e a planear o que fazer com o dinheiro. “Uma manjedoura, um santo, muitas prendas em dinheiro, mas que grande noite de Natal”, concluiu. Decidiu deixar uma pequena parte do dinheiro tal como estava, porque, pensava, “alguém há de vir aqui e, se encontrar algum, já não vão desconfiar”. Pela madrugada, ainda noite, saiu em direção à sua velha casa. Arranjou um esconderijo e foi gastando o dinheiro de forma discreta, para ninguém desconfiar. Explicaria mais tarde ao filho o que aconteceu, deixando-lhe as sobras em herança.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

Dezembro

2022

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes